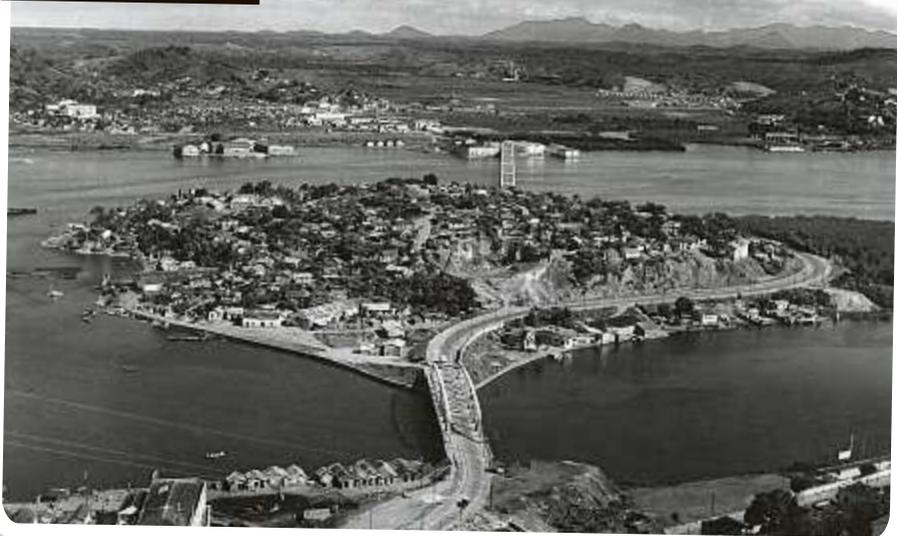


ANTES



DEPOIS



Fotos mostram o desenvolvimento que a região da Ilha do Príncipe, em Vitória, sofreu ao longo das décadas FOTO: JOSÉ TATAGIBA - 1940 E VITOR JUBINI - 08/09/2016

QUALIDADE DE VIDA É META DA CAPITAL

Reduzir o desequilíbrio entre bairros é desafio para a cidade

/// CARLA SÁ
carla.sa@redgazeta.com.br

A cidade que se expandiu sobre as águas – e o mangue – continua crescendo. A população de Vitória passou de 325.453 habitantes em 2010 para 359.555 este ano, pela projeção do IBGE. Hoje, entretanto, aterros não são mais aceitáveis tão facilmente. Para liberar um há uma imensa burocracia e debate ambiental. A pergunta é: para onde a Capital vai expandir agora? A saída é se reinventar, investir em oferecer serviços perto dos cidadãos e pensar metropolitanamente. Outro desafio é diminuir os desequilíbrios.

Quando a maioria dos aterros foram feitos, uma das principais preocupações era fazer grandes vias ligando as áreas. Agora melhorias para dar infraestrutura à população, entretanto, também precisam atender a uma necessidade em esfera micro, aproximando das pessoas os serviços. “Não é mais pensado somente para ter passagem de carro. O cidadão quer ter suas atividades diárias próximas de sua residência. E é preciso planejar desde alternativas de mobilidade às calçadas seguras”, detalha a se-

cretária de Desenvolvimento da Cidade, Lenise Loureiro.

Dentro desse discurso, o novo Plano Diretor Urbano (PDU), que está em revisão, propõe justamente uma cidade focada mais nas pessoas e menos nas edificações. “Precisamos trazer sistemas que ajudem a economia e a qualidade de vida das pessoas”, pontua.

Ela destaca que “os aterros eram necessários, mas não é mais o caso”. “Vitória está se renovando e é desafiador porque não há mais extensão territorial. Mas o Censo mostra que o nosso crescimento não está acontecendo mais em grandes proporções. É possível planejar”, diz Lenise Loureiro.

O presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado (Cau-ES), Tito Carvalho, junto ao pensamento da cidade para as pessoas, é preciso cuidar para que a qualidade de vida seja de todos. “Nosso nível é excelente, mas é necessário diminuir o desequilíbrio. Uma parte da ilha tem o padrão muito superior à outra”, explica. Para isso, deve-se aliar programas de desenvolvimento econômicos



“

Precisamos trazer sistemas que ajudem a economia e a qualidade de vida das pessoas”

LENISE LOUREIRO SECRETÁRIA DE DESENVOLVIMENTO

com sistemas que possam integrar a Capital, como a mobilidade, por exemplo.

RENOVAÇÃO

Denise cita como exemplos



“

É necessário diminuir o desequilíbrio. Uma parte da ilha tem o padrão muito superior à outra”

TITO CARVALHO PRESIDENTE DO CAU-ES

de renovação melhoras na estrutura viária, como a revitalização da Avenida Leitão da Silva – cujas obras estão atrasadas – e as mudanças no tráfego da região do Centro com o projeto do Por-

tal do Príncipe, que deve desafogar a saída Sul da Capital. Treze imóveis foram demolidos no local para dar lugar às vias, mas a intervenção não foi iniciada.

A nova orla Noroeste, na região de Santo Antônio, é outra obra vista como um modo de reinventar uma área da cidade, mas a prefeitura ainda está tentando captar recursos.

Tito Carvalho destaca, além disso, que a cidade precisa ser pensada de modo integrado com a Região Metropolitana. “Vitória tem que cumprir papel de Capital do Estado e peça-chave. Mas por que não pensar um desenvolvimento econômico que faça crescer as outras cidades até que ‘apertem’ menos a Capital”, diz.

LOTES

A secretária lembra que, apesar de não ter muitos terrenos disponíveis, Vitória ainda possui alguns espaços para loteamento que devem ser ocupados em breve.

“Há na entrada da Avenida Norte-Sul e perto de Goiabeiras. Há lugar para receber novos empreendimentos também, de indústria e tecnologia”, diz.

Aterros causam confusão sobre terrenos de marinha

/// Os aterros feitos em Vitória sobre o mar causam confusão sobre um tema polêmico: a taxa de terrenos de marinha. Isso porque muitos locais onde antes havia água hoje são tomados por construções. A co-

brança é feita sobre a faixa de 33 metros da preamar – linha definida pelas marés máximas.

“Havia muitos braços de mar em Vitória. Muita ilha e ilhota que foi incorporada ao continente. Por

isso hoje há situações em que você caminha 200 metros para o interior da cidade e descobre que lá é terreno de marinha”, explica o advogado Guido Cortes.

Por isso a cidade possui diver-

sas zonas de marinha espalhadas que estão longe do mar. “Às vezes as pessoas ficam sem entender. Perguntam ‘como é que meu terreno é de marinha e o do meu vizinho que fica mais perto do mar

não é?”, comenta Cortes.

Este ano, a cobrança gerou revolta ao ter reajustes que chegavam a 500%, mas uma medida provisória limitou o aumento ao índice da inflação, 10,54%. Em junho deste ano, a cobrança chegou a ser cancelada pela Justiça Federal, mas voltou a ser autorizada.

48% DOS MANGUES FORAM ATERRADOS

Processo levou ao sumiço de espécies animais e vegetais

WING COSTA
wbertulani@redgazeta.com.br

Desde a colonização, os manguezais foram tratados como ambientes negativos. Fétidos, insalubres, com grande quantidade de mosquitos, o preconceito com o ecossistema levou a população a tratar o local como área de despejo de lixo, esgoto e, por que não, aterro.

Mais de 40% da área de mangue de Vitória deu lugar a aterros. O doutor em ecologia de ecossistemas Juliano Barbirato, explica que essa ideia antrópica (de atuação do homem sobre a natureza) muda a dinâmica da Baía de Vitória, favorece o assoreamento e pode inclusive, provocar o desaparecimento de espécies animais e vegetais.

É o que pode ter acontecido com peixes-boi marinhos que teriam habitado as águas de Vitória. De acordo com o historiador entusiasta Willis de Faria, “um trecho de cartas, em latim, de padre Anchieta dizia que ele observava cardumes desses animais na Baía de Vitória. Isso está documentado no livro de Charles Frederick Hartt”, relatou Willis.

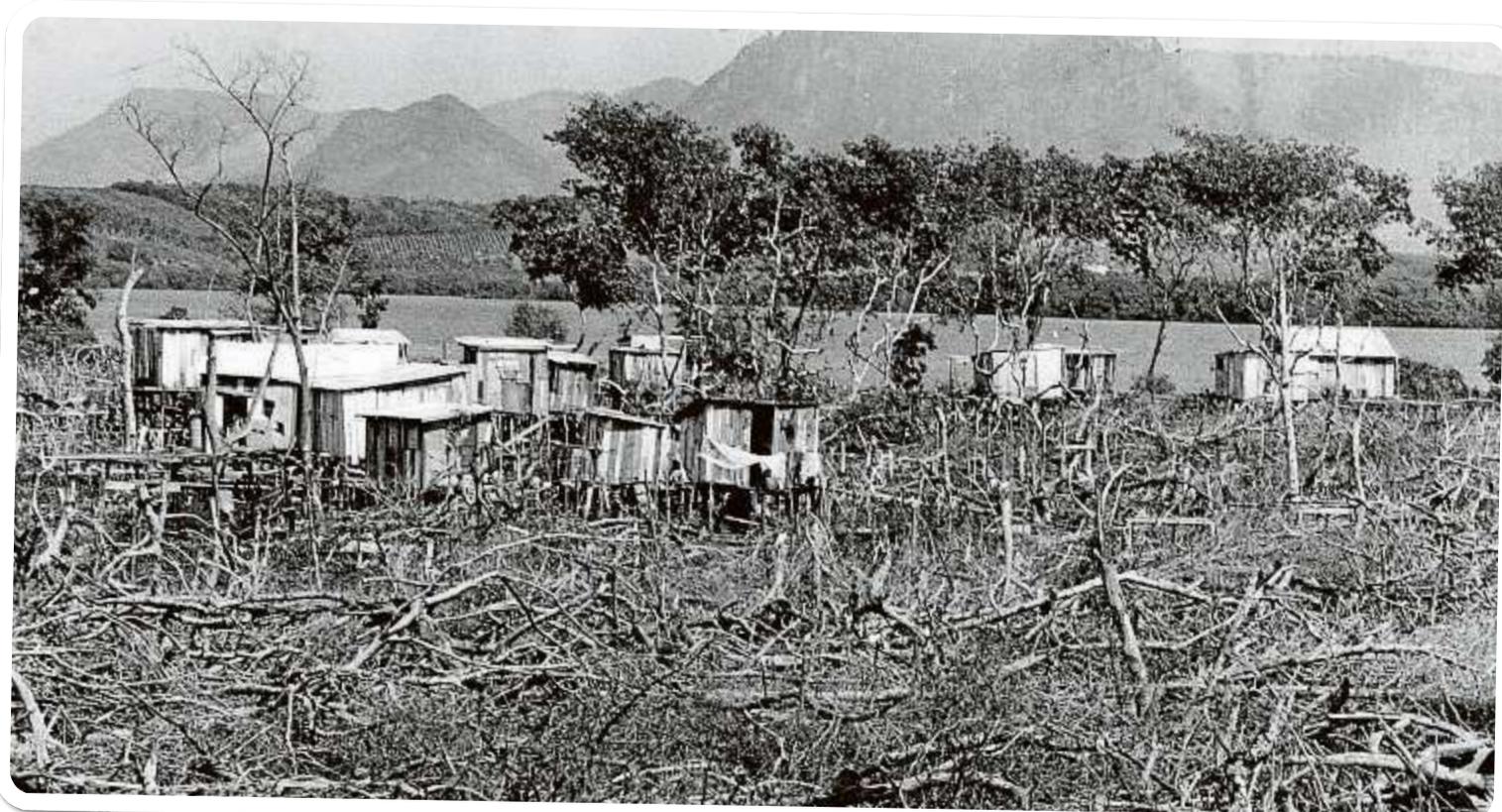
O historiador ainda lembra que a secretaria de Meio Ambiente só foi criada em 1986 e que, apenas a partir daí os impactos ambientais se transformaram em uma preocupação.

ESPECULAÇÃO

Uma das características mais acentuadas dos aterros de Vitória acabam sendo a especulação imobiliária, questão levantada por Juliano. “Você deixa de morar perto do mangue e passa a morar perto do mar”, explica o doutor. No entanto, o que seria positivo economicamente acaba refletindo também de maneira negativa.

“O manguezal aumenta a produtividade. É um berçário natural, abriga muitas espécies. Essas espécies se reproduzem no local e ali tem muito recurso disponível para os seres humanos”, diz Juliano, que determina que, se não houvesse aterros, haveria maior disponibilidade de recursos como peixes e camarões.

O doutor em ecologia de ecossistemas Juliano Barbirato descreve a forma de funcio-



População ocupa área de mangue com a construção de palafitas no bairro São Pedro, na Capital FOTO: CHICO GUEDES - 08/09/1989

namento do manguezal como dinâmica. “Crustáceos, peixes como tainha, robalo e manjuba são atraídos pelas espécies vegetais que se concentram ali e usam como área de reprodução ou abrigo.”

Barbirato diz que é até possível que algumas plantas do manguezal resistam aos aterros, mas “em geral, isso suprime a condição do manguezal, que é a intrusão da maré.” O especialista explica que isso afeta todos os ciclos de vida que dependem do local.

Desta forma, existem aterros que acontecem não ao nível do estuário, que quando a maré sobe, a rede pluvial acaba sendo afetada. “É por isso que os moradores que vivem em locais que outrora foram manguezais enfrentam o problema de água voltando pelos ralos e canos”, diz Juliano.

Outra consequência é a invasão de animais, como caranguejos e mosquitos, que permanecem onde antes era a área em que viviam. “O mangue não tem barreira, então esses animais acabam se perdendo” lamenta.

RECUPERAÇÃO POSSÍVEL

Juliano Barbirato trabalhou na recuperação de uma área de



“HOJE NÓS OLHAMOS PARA O MANGUE DE OUTRA FORMA”

“Sou moradora de Resistência há 35 anos. Vim morar na Grande São Pedro ainda na invasão com meus pais, den-

tro do mangue. Era barraco de madeira, quando a maré subia a gente tinha muita dificuldade para sair para trabalhar, a

água invadia a casa, a gente tinha medo. Tinha que atravessar pelas palafitas. Foi muita dificuldade, muita luta. Os moradores lutaram junto, correram atrás. Em 1992 vieram e aterraram a lama. O processo foi rápido, já veio deslocando os barracos e aterrando. Tirando a gente do mangue e colocando na terra. Um dos bairros mais adiantados em questão de aterro foi o nosso. Aí o governo já veio construindo as casas e passando a gente para a terra firme, nós não tínhamos condição de fazer essa transição. Hoje olhamos para o mangue (que ainda resiste em parte do bairro) de outra forma. Agora ele está sendo restaurado, está nascendo de novo.”

—
ELZA REZENDE DA SILVA
DONA DE CASA, 54 ANOS

manguezal no bairro Maria Ortiz, em Vitória. Ele afirma que esse processo é muito difícil em áreas de mangue. No entanto, a recuperação é possível.

“O manguezal tem uma resistência tão grande a contaminantes que tem áreas que o oxigênio beira a zero. Isso é péssimo para

o ciclo de vida, mas as plantas podem resistir”, diz.

“O que recuperamos aconteceu de forma incrível”, conta, feliz, Barbirato. “Há dois anos trabalhamos no local até com a ajuda da Prefeitura de Vitória e recuperamos num tamanho próximo ao natural”, comemora.

VEJA NA WEB

www.gazetaonline.com.br



PROGRAMAÇÃO
Confira mais entrevistas, fotos e vídeos sobre os aterros de Vitória.
leia.ag/vitoria